

A força do conservadorismo

Vichy et l'Éternel Féminin: contribution à une sociologie politique de l'ordre des corps.

MUEL-DREYFUS, Francine.

Paris: Ed. Seuil, 1996.

No Brasil, conhecemos bem a chamada França das Luzes, que nos trouxe a Declaração dos Direitos dos Homens, o Código Napoleônico e outras idéias e instrumentos necessários para a vida democrática. Sabemos que a Revolução Francesa foi o evento histórico que deflagrou a montagem de toda a maquinaria cognitiva e social necessária ao estabelecimento da igualdade entre os seres humanos e da sua individualidade e que ela rapidamente espalhou-se pela Europa e pela nossa América Latina. Ficamos tão acostumados com a 'superioridade' dessa maneira de regular o convívio social que acabamos esquecendo que existem outras.

Na própria França, os derrotados em 1789 nunca abandonaram a luta e reapareceram sempre que as circunstâncias o permitiram. A Restauração dos Luíses, o pós-Comuna de 1870, o chamado *Affaire Dreyfus* e, principalmente, a França de Vichy, o regime da *Révolution Nationale* capitaneado por Pétain, foram momentos dessa reação. Podemos, com alguma licença, registrar a extrema direita atual de Le Pen nessa rubrica. O livro de Francine Muel-Dreyfus, autora que já fez pesquisas entre nós e que tem trabalhos publicados em português, analisa em detalhe um aspecto da *Révolution Nationale*: o movimento que visava restaurar o papel tradicional das mulheres na sociedade. Para seus defensores, esse passo era considerado um ponto essencial para a regeneração da França. Eles diagnosticavam a derrota de 1940 como a consequência de 150 anos de corrupção do povo francês, que começou com a Revolução de 1789 e teria culminado com o governo da Frente Popular de Léon Blum, em 1936.

A diminuição do peso das hierarquias sociais e sexuais era vista como pecado contra a ordem natural das coisas e, portanto, como causa fundamental da fraqueza que a França demonstrara diante da Alemanha. Perdendo a certeza de seu lugar exato na sociedade e nas

unidades domésticas, os homens e as mulheres do povo diminuam a sua prole, tornavam-se presas fáceis dos agitadores da esquerda, teriam perdido o sentimento de pertencer a uma idéia superior de coletividade e a sociedade teria perdido toda a sua coesão. Urgia, portanto, restaurar essas certezas, começando pela ordem doméstica, que estruturava as demais. Esse ponto é fundamental nas agendas conservadoras e é mal compreendido pelos seus adversários. A autora mostra-nos como a restauração foi possível, articulando uma explicação das formas pedagógicas utilizadas nessa empreitada com a lógica social que conduziu vários grupos de agentes a apostarem nela.

A análise das formas pedagógicas postas em prática mostra a procura de uma inculcação constante de esquemas cognitivos que reforçavam a naturalidade da divisão sexual das tarefas e funções. De uma maneira interessante para quem se preocupa seriamente com metodologia, a autora relata as suas primeiras dificuldades em dar conta da aparente monotonia temática da pedagogia restauradora, que repetia incessantemente os mesmos pares de valores, para depois descobrir seu significado na produção da máquina de pensar que naturalizaria a volta das mulheres ao lar, "o seu estado natural". Fazendo isso, ela fornece pistas preciosas sobre o fazer sociológico, que muitas vezes permanece obscuro para os iniciantes. Na restauração, a noção mesma das temporalidades tinha de ser restaurada: o tempo linear, típico das sociedades urbanas modernas e portanto anti-natural, deveria perder seu lugar para o tempo circular, mais próprio das sociedades agrárias - e dos fluxos naturais que deveriam reger a sociedade e a vida feminina no seu mais profundo ser¹. Conformando-se a esta temporalidade da natureza, as mulheres voltariam a ser felizes.

Os segmentos que analisam a questão dos grupos sociais que apostaram na *Révolution Nationale* - médicos, intelectuais, religiosos - mostram-nos um aspecto pouco esclarecido da modernidade - segundo a visão da sociolo-

¹ Uma boa análise sociológica da inculcação de ritmos temporais e seus efeitos cognitivos pode ser encontrada em ZERUBAVEL, E.. *Hidden Rhythms: schedules and calendars in social life*. University of California Press, 1981.

gia parsoniana, as profissões modernas, a medicina em particular, estariam entre os principais agentes da modernização das sociedades justamente porque o florescimento do profissionalismo das carreiras de nível superior teria como necessidade e consequência a afirmação de uma ordem racional. Os médicos franceses desmentem essa pretensão². Majoritariamente, eles investiram na restauração da "ordem natural das coisas", dando veracidade científica às políticas governamentais. Num combate quase explícito com a Sociologia ainda pouco desenvolvida, e que cheirava judaica (Durkheim, Mauss, Halbwachs, Georges David, eram todos nomes israelitas), pecado imperdoável para um regime anti-semita, os médicos - na verdade os herdeiros de dinastias de médicos que começavam a sofrer a concorrência de colegas saídos de situações familiares ambíguas - enunciavam a naturalização da ordem social como um passo necessário para o restabelecimento da saúde do país. Com isso, aumentava a importância da sua corporação, cargos governamentais eram abertos para serem providos por médicos e, em termos simbólicos, aumentava a verossimilhança da visão da sociedade como um organismo com funções pré-definidas, contra as quais, por serem naturais, seria impossível insurgir-se.

Uma parcela muito importante dos intelectuais, escritores sobretudo, reagiu muito mal à democratização crescente das chances escolares, que abria a possibilidade de um aumento na competição nos seus campos de trabalho. Esse desconforto era exprimido através da necessidade de prevenção contra "falsas expectativas de carreira criadas pela extensão do ensino secundário" e pelo "perigo da entrada nas profissões liberais de indivíduos que não tiveram educação familiar suficiente para assumir as responsabilidades sociais da profissão etc..." Para quem compartilhava desses temores, o regime de Vichy oferecia o conforto de uma restauração da seletividade escolar e o reforçamento das hierarquias enfraquecidas pelo governo do Front National dos socialistas.

Os religiosos católicos viam em Vichy a oportunidade para recobrar a proeminência da Igreja na vida social francesa, depois de ter

a sua influência muito reduzida pelo Estado republicano que instituiu a educação elementar pública e obrigatória e que avançava na educação secundária. Esse crescimento de importância teve desdobramentos não negligenciáveis em benefício de seus empreendimentos sociais, educacionais e também no despertar de vocações religiosas. Nesse tópico, um ponto interessante da análise reside na atração que o regime despertou mesmo em alguns setores menos conservadores do clero, que acabaram participando do sentimento de reconquista da influência perdida.

Articulando a relação entre os três eixos acima, Muel-Dreyfus propõe sua explicação sobre o paradoxo da criação de um clima social e cultural que tangia as mulheres a aceitar a volta a um estágio da divisão sexual do trabalho que parecia superado. Unindo a explicação da gênese sócio-histórica com a dimensão cognitiva, o trabalho convence-nos, tristemente, que todos os movimentos em direção à democratização da relação entre os sexos, e no seio da sociedade como um todo, são voláteis, que a sua manutenção depende de vigilância constante e que interesses corporativos (nesse caso, não os do famigerado funcionalismo público, mas os dos médicos, religiosos e intelectuais) podem voltar-se na direção do arcaísmo.

Sobre o tema, acho que vale a pena mencionar também o livro recente de G. Lakoff³ *Moral Politics: what conservatives know that liberals don't*, com preocupações análogas. Esse trabalho utiliza o ferramental desenvolvido pelas ciências cognitivas para a explicação do sucesso recente do neo-conservadorismo norte-americano. O autor, especialista em teoria da linguagem, mostra como o atual pensamento conservador norte-americano consegue controlar bem a estrutura cognitiva de sua pregação, construindo um todo bem articulado que tem funcionado adequadamente aos propósitos de restauração dos "valores básicos" da sociedade norte-americana. Baseado principalmente na teoria dos protótipos de significado de Eleanor Rorsch, ele irá mostrar que, nos Estados Unidos, tanto a pregação conservadora quanto a liberal tem a sua lógica interna derivada de metáforas da família - a primeira nucleada em torno de um pai severo, que educa os filhos para a aspereza da vida (inclusive a do mercado), enquanto a segunda tem como centro a família "encorajadora" (*nurturant*) que educa seus filhos para uma vida de auto-reali-

²E seus colegas alemães foram piores ainda. Sobre médicos e profissão médica no fluxo de acontecimentos que culminou com o Holocausto, ver FRIEDLANDER, H. *The Origins of Nazi Genocide: from euthanasia to the Final Solution*. University of North Caroline Press, 1995.

³ University of Chicago Press, 1996.

zação. Mas, enquanto os conservadores teriam plena consciência da fonte cognitivo-lógica do seu pensamento, os liberais seriam incapazes de articular as conseqüências dos diversos pontos de sua pregação. E, por isso, ao fazerem concessões a diversos pontos da pauta de seus adversários, eles acabariam por se mostrar ilógicos e pouco confiáveis aos eleitores, que por essa razão os estariam abandonando.

Evidentemente, os dois livros examinam contextos ideológicos e políticos diferentes, com metodologias muito diversas. Mas, para quem está empenhado em entender os diversos contextos em que o conservadorismo ganha força, são leituras estimulantes e complementares.

ROBERTO GRÜN ■

Religião, gênero e família

Carismáticos e Pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar.

MACHADO, Maria das Dores Campos.

Campinas: Editora Autores Associados, 1996.

Originalmente uma dissertação de mestrado defendida no IUPERJ, transformada em livro, *Carismáticos e Pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*, de Maria das Dores Campos Machado, vem enriquecer os recentes debates sobre religiões no Brasil, e particularmente os estudos sobre o pentecostalismo e o movimento carismático na Igreja Católica. Premiado pela ANPOCS em 1994, o livro focaliza, de modo original, a relação entre religiosidade e gênero, investigando as modalidades de conversão religiosa de homens e mulheres e o seu impacto na vida familiar.

Enfrentando o desafio de interligar esses temas, a autora descreve o modo pelo qual a adesão ao revivalismo religioso no pentecostalismo protestante e no Movimento Renovação Carismática Católica traz conseqüências para as relações de família, destacando a ética de alguns grupos revivalistas, que parece facilitar a redefinição das relações de gênero. O livro trata do *ethos* familiar e da moralidade sexual desses grupos. Segundo a autora, a pesquisa encontra sua justificativa na "... histórica e estreita relação entre as instituições religiosas cristãs, o padrão patriarcal de relacionamento familiar e o controle da sexualidade, mas também pela constatações das mudanças ocorridas nas sociedades modernas" (p.5).

A reprodução das crenças religiosas na esfera da família é apresentada através dos

processos de modernização e secularização, ou seja, da separação entre Estado e Igreja e do fim da identidade entre valores sociais e cristãos. O centro do debate é a tese do declínio da religião na modernidade, confrontada com as evidências de ascensão de diversos movimentos religiosos. No Cap.1 a autora discute o paradigma da secularização e o crescente aumento dos movimentos religiosos. Expõe e analisa as várias correntes da sociologia da religião nas quais se focaliza o tema do florescimento dos movimentos revivalistas.

Segundo determinadas perspectivas, o processo de racionalização e institucionalização da experiência religiosa acarretaria necessariamente o desaparecimento da emoção e da própria religião. A autora nos propõe, no entanto, a possibilidade de repensar essa tese, remetendo-se a Weber e a Durkheim "...para se verificar até que ponto os processos de racionalização e institucionalização da experiência religiosa, identificados respectivamente por estes autores, acarretam o desaparecimento da emoção e o declínio inexorável da religião" (p.13). Durkheim, por exemplo, apresenta o caráter eterno da necessidade de representação, ou seja, da religião. Mesmo enfatizando a ciência como forma perfeita do pensamento religioso, e que vem posteriormente a substituí-lo, este autor resgata a religião como "meio de fazer os homens viverem", de "dar forças aos homens para suportar e superar as dificuldades da vida" (p.17). No lugar de um vazio moral na modernidade, ele apresenta a reafirmação do sagrado sob a forma de individualismo ético. Weber, por sua vez, propõe a autonomia das esferas de valor (da ciência, da arte e da moral) e remete-se à relação entre a racionalidade técnico-científica (nas sociedades modernas)